

GUERRA E ESPORTE

DANIEL CARDOSO, FELIPE L. GUIMARÃES, JOÃO RICARDO A. J. RIBEIRO E OLDON M. DE SOUZA

Radiofoto AP



Terrorista negocia a vida de atletas israelenses durante o atentado nas Olimpíadas de Munique, em 1972.

Os Jogos Olímpicos são o espelho da situação sócio-política de uma nação". O autor dessa frase é o ex-presidente americano John Kennedy. Podemos tirar duas ou três conclusões a respeito dessa afirmativa. Os Jogos Olímpicos são a maior celebração do esporte, com mais de 20 modalidades esportivas sendo disputadas por centenas de atletas de todo o mundo. As Olimpíadas, apesar de não serem o único evento

esportivo importante que acontece no planeta, têm um forte poder revelador. Como disse Kennedy, são um excelente espelho, refletindo tanto os avanços quanto as mazelas de uma sociedade.

A guerra é uma das mais dramáticas alterações que um país pode sofrer. O esporte é visto pelas pessoas que vivem o cotidiano de um conflito armado de diferentes maneiras. Pode apresentar-se como uma espécie de fuga do sofrimento causado pelos horrores da guerra, assim como por vezes se constitui em um elemento pacificador.

Desde o cancelamento das Olimpíadas de 1916 por conta da Primeira Guerra Mundial até a recente presença do Primeiro-Ministro canadense Jean Chrétien, em Ontario, numa partida de basquete com os refugiados de Kosovo, o esporte atravessou o século e teve o seu curso alterado inúmeras vezes por causa da guerra. E em vários momentos influenciou, mesmo que em escala menor, o relacionamento entre os povos envolvidos nos conflitos.

Jogos do terror

Um dos episódios mais lamentáveis da história do esporte foi o massacre ocorrido durante as Olimpíadas de 1972, em Munique. Um grupo de palestinos, membros da organização terrorista "Setembro Negro" invadiu o alojamento da delegação de Israel, matando um treinador e um halterofilista e fazendo outros reféns. De posse desses reféns, o chefe do grupo terrorista, escondido sob uma máscara preta, começou a negociar com as autoridades locais, exigindo a libertação de duzentos prisioneiros políticos árabes, detidos em Israel, além de um salvo-conduto para levarem os reféns de avião para uma capital árabe. Todos os canais de negociação, no entanto, pareciam bloqueados. De Tel-Aviv, Golda Meir, chefe do governo de Israel, descartava qualquer possibilidade de entendimento. Do Cairo, o presidente Anwar Sadat rejeitava, segundo a versão alemã, uma solicitação para acolher e responsabilizar-se por reféns e terroristas.

A cada proposta apresentada pelos negociadores alemães, a cabeça coberta de preto do terrorista se movia numa

negativa. Os prazos se esgotavam, os Jogos Olímpicos estavam suspensos por 24 horas. O esporte mundial cedia ao crime e à política. No final do dia, seqüestradores e seqüestrados (estes de mãos atadas e olhos vendados) entravam num ônibus, de onde passariam para dois helicópteros, que os conduziria ao aeroporto.

O plano da polícia alemã, de alvejar os terroristas à sua saída do prédio, come-

çava a fracassar antes mesmo de começar. Imaginando a existência de apenas quatro terroristas, o responsável pela ação policial no aeroporto deslocou cinco atiradores para a torre de comando, com a ordem de atirar "na melhor oportunidade possível", acreditando ser este um número suficiente. Quando quatro terroristas já haviam saltado de seus helicópteros, a polícia abriu fogo, alvejando três deles, mas o líder do grupo correu e conseguiu abrigar-se. Logo após, teria havido uma trégua, durante a qual os guerrilheiros teriam sido intimados a se renderem. Mas, ao notarem a chegada de carros blindados, começaram a atirar. A partir deste momento, começou um tiroteio para todos os lados, sendo que um terrorista, ferido, lançou uma granada contra um dos helicópteros, morrendo ele e seus reféns. No fim, todos os nove israelenses e cinco terroristas mortos, três terroristas feridos.

O incidente de trágico desfecho jogou por água abaixo todo um esforço de organizar uma Olimpíada como exemplo de eficiência e planejamento. Além do que, chegou a custar mais de quatro vezes o que fora inicialmente



A torcida inglesa tenta mostrar uma imagem comportada na Copa de 86.

previsto, assegurando-lhe o título de Olimpíada mais cara da história. Mas o maior objetivo dos alemães em Munique era o de passar uma imagem diferente do país, tão marcado pelas Guerras Mundiais, fazendo desta Olimpíada o oposto do que fora feito na mesma Alemanha, 36 anos antes.

Em 1936, em Berlim, Adolf Hitler transformou a competição olímpica numa pomposa extravagância – a austeridade da rigidez militar fazia com que a ordem fosse mantida por severos policiais e a entrega da bandeira olímpica fosse feita sob os acordes marciais dos clarins prussianos – e, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, fez dos jogos olímpicos o palco perfeito para mostrar ao mundo a superioridade da raça alemã. Seus planos começaram a fracassar quando, na medida em que os jogos iam acontecendo, os alemães não conseguiam bons resultados, garantindo apenas algumas medalhas, o que estava muito aquém das expectativas. E, para piorar, surge em cena um negro americano chamado Jesse Owens, que ganha quatro medalhas de ouro e se torna o grande astro das Olimpíadas de Berlim. Hitler nem apareceu na cerimônia de entrega das medalhas.

Outro atleta negro foi mais longe ainda e conseguiu fazer até uma guerra parar só para vê-lo jogar. É claro que não se trata de qualquer jogador, mas de Pelé, considerado o atleta do século. O jogo aconteceu na década de 60. A equipe do Santos, onde Pelé jogava, foi fazer um amistoso contra a seleção de Angola, em plena Guerra Civil angolana, e o país parou para ver o maior jogador de futebol

de todos os tempos, três vezes campeão do mundo. Pelé encerrou a sua participação na seleção brasileira em 1971, em um jogo contra a seleção da Iugoslávia, no Maracanã. A mesma Iugoslávia que, 28 anos depois, não pôde participar de nenhuma competição esportiva devido à Guerra no Kosovo.

“O esporte pode se apresentar como uma espécie de fuga do sofrimento causado pelos horrores da guerra, assim como por vezes se constitui em um elemento pacificador.”

Guerra Fria e boicote

Conhecido como “o século das guerras”, os últimos 100 anos, além de produzirem batalhas de proporções universais, trouxeram inegáveis avanços para o mundo esportivo. Atletas e organizadores criaram suas federações, que logo se internacionalizaram e, de meras atividades amadoras, deram às competições esportivas ares ritualísticos, celebradas via satélite por bilhões de telespectadores ao redor do planeta, gerando receitas inimagináveis até pelo mais fanático dos torcedores. Mas, mesmo com toda a grandiosidade econômica que o esporte adquiriu nos últimos tempos, os tiros e as bombas acabaram suprimindo, em alguns momentos, o tão cultuado espírito esportivo. Na verdade, somente as duas

grandes guerras foram capazes de interromper competições e torneios internacionais. E o primeiro grande evento a ser cancelado foram as Olimpíadas de 1916, época em que ocorreu a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A cidade de Antuérpia, na Bélgica, daria continuidade ao evento, quatro anos mais tarde. Interrupção maior e mais longa aconteceu durante a Segunda Guerra (1939-1945), a maior deste século, quando as Olimpíadas de 40 e 44 não vingaram. Coincidentemente, os jogos anteriores e posteriores aos não ocorridos realizaram-se nas capitais de dois grandes inimigos na guerra: Berlim e Londres, respectivamente. O futebol também sofreu duas grandes perdas com o cancelamento das Copas do Mundo de 42 e 46, retornando somente em 1950, no Brasil.

Mas, se por um lado os duros golpes sofridos pelo esporte em função de guerras e lutas sangrentas se mostraram inerentes aos seus domínios, o mesmo não se pode dizer de dois fatos, estes sim, restritos unicamente aos campos de batalha esportivos – tão lamentáveis quanto os adiamentos, cancelamentos e paralisações forçadas. Em função de constantes medições de forças e guerras de bastidores, as duas maiores potências olímpicas deste século protagonizaram cenas nada condizentes com preceitos esportivos.

Em 1980, no auge da Guerra Fria, às vésperas dos Jogos Olímpicos de Moscou, o presidente dos EUA, Jimmy Carter, em protesto contra a invasão do Afeganistão pelos soviéticos, anuncia o boicote da competição por parte de seu país e de mais algumas forças olímpicas, como Alemanha Ocidental e Canadá – que em 1976 sediou uma Olimpíada com a presença de todas as nações socialistas. Ao mesmo tempo em que conseguiram dar um prejuízo estrondoso aos russos, deram também à Europa a oportunidade de mostrar sua união, pois apenas a Alemanha Ocidental e as equipes de vela, equitação e tiro ao alvo da França se ausentaram do evento. Quatro anos mais tarde, porém, viria a revanche: a União Soviética, alegando falta de segurança, além do receio de seus atletas pedirem asilo político nos EUA, estava fora das Olimpíadas de Los Angeles, levando consigo algumas dezenas de países do bloco socialista, como Bulgária, Alemanha Oriental e Cuba.

Como se não bastasse a total

ausência da "chama olímpica" nessas duas decisões, os Jogos Olímpicos de 1980 e 1984 tolheram as possibilidades dos espectadores que lá foram e a todos que gostam de esporte, de acompanhar alguns dos principais confrontos entre os dois maiores centros agregadores de medalhas e recordes da história olímpica. Se, durante a Guerra Fria, EUA e URSS não foram capazes de destruir o mundo, como alardeavam nas disputas via telex, poderiam muito bem medir forças nos Jogos a que não foram: além de terem a oportunidade de visitar o território inimigo, trocariam as dezenas de megadestruições falseadas por dezenas de medalhas reais e visíveis. Gastariam menos, falariam mais e ganharia com isso, com certeza, o esporte.

Uma guerra simbólica

O esporte está ligado à guerra também no campo semântico. Diversas das terminologias esportivas se originam de expressões comuns à guerra. Isso quando não são exatamente as mesmas definições usadas nos conflitos.

Frases normais no meio esportivo como "O Flamengo tem o melhor ataque porque Romário é um artilheiro matador" passam despercebidas por nossos ouvidos e olhos. Já estamos habituados a ver e ouvir esse tipo de coisa. Ataque, artilheiro e matador são expressões notoriamente bélicas.

Isso acontece porque o esporte é uma competição na qual teoricamente deve haver um vencedor. No fim das competições, contudo, invariavelmente existe um vencedor e um derrotado, ou vários derrotados. O esporte é um simulacro da guerra, são vários grupos lutando por um só objetivo: derrotar o oponente, assim como na guerra.

Quando envolvidos em alguma competição, os atletas lutam por seus clubes ou nações. No segundo caso, acrescenta-se patriotismo na briga pela vitória. O esporte representa, então, um conceito maior: o de nação. Quando países apresentam desavenças no campo diplomático e participam de uma mesma competição, esta acabará se transformando em uma guerra, porém com regras e limites. É uma espécie de metalinguagem, que no plano esportivo tem um sentido de vingança para as nações que se sentiram humilhadas nas

relações sócio-políticas. O jogo entre Argentina e Inglaterra, na Copa do Mundo de 1986, é um exemplo clássico deste confronto no esporte, acontecendo pouco tempo após o conflito entre os dois países na Guerra das Malvinas. Com a vitória da Argentina, Maradona revelou que este jogo representava uma espécie de vingança para os mortos na guerra. Uma guerra no esporte.

Essa íntima ligação do esporte com a guerra é percebida também através dos fãs. Verdadeiras batalhas são travadas pelas torcidas dos clubes brasileiros e internacionais. Os chamados *hooligans*, expressão que os ingleses usam para denominar os torcedores mais violentos, são fruto da violência diária das grandes cidades e um verdadeiro espelho da guerra.

"Na Copa do Mundo de Futebol na França, em 1998, os jogadores do Irã entraram em campo com rosas nas mãos e distribuíram aos atletas americanos."

"Rubro-negro é assim mesmo / dá porrada em qualquer um / que beleza / o rubro-negro não tem medo de morrer / olê-lê olá-lá a Raça vem aí / o bicho vai pegar". Esse é um dos mais populares "gritos de guerra" da torcida do Flamengo. A violência e o fanatismo, tão comuns na guerra, são facilmente perceptíveis nessas poucas estrofes. Os símbolos utilizados pelas torcidas organizadas de futebol também estão ligados à guerra. Uma das maiores torcidas do Rio de Janeiro tem em suas bandeiras três ícones ligados ao radicalismo e aos conflitos, Saddam Hussein, Che Guevara e Mao Tse Tung.

Em 1985, na Bélgica, o estádio de Heysel foi palco de uma das maiores tragédias do futebol. A final da Copa dos Campeões Europeus entre Juventus, da Itália, e Liverpool, da Inglaterra, terminou com mais de 100 mortos decorrentes de uma batalha nas arquibancadas. Tanto no Brasil quanto no exterior, as torcidas se consideram verdadeiros exércitos em permanente guerra contra os adversários. São organizações paramilitares que se

subdividem em "pelotões", "comandos" ou, como na máfia, em "famílias".

O esporte moderno e seus fãs em determinados momentos vão contra o ideal do esporte na sua essência. Um paradoxo é criado a partir do momento que comparamos a conotação bélica do esporte com os ideais olímpicos. Os preceitos da maior competição esportiva do mundo dizem exatamente o contrário do que vemos diariamente. A definição a seguir é do próprio Comitê Olímpico Internacional: "É o principal acontecimento do esporte mundial, principalmente pelo seu objetivo da confraternização dos povos através de uma das suas mais expressivas manifestações".

Esporte e paz

A primeira competição olímpica de que se tem notícia ocorreu no Estádio de Olímpia, na Grécia, em 776 a.C. Em 1894, foi criado o Comitê Olímpico Internacional, idealizado pelo barão francês Pierre de Coubertin, para organizar as Olimpíadas da era moderna. Desde o seu surgimento, na Grécia antiga, as Olimpíadas guardam uma característica competitiva, de eterna demonstração de força e superação de uma cidade ou nação por outra. Assim como acontece na guerra. Atualmente, de simples disputa entre duas cidades, as Olimpíadas cresceram, abarcando várias nações que se encontram de quatro em quatro anos, com o intuito de promover a paz, no maior evento esportivo do mundo.

O esporte, como se vê, não é somente competição. Em vários momentos ele levou à risca seus ideais e contrariou interesses políticos internacionais. Dois dos maiores rivais políticos internacionais se enfrentaram na Copa do Mundo de Futebol na França em 1998. Estados Unidos e Irã iriam se enfrentar em um jogo que demonstrava mais importância pela conotação política do que pelo próprio futebol dos dois países. Como forma de confraternização e superação das rivalidades, os jogadores do Irã entraram em campo com rosas nas mãos e distribuíram aos atletas americanos. Depois ambas as equipes posaram para uma histórica foto juntas. Ainda há esperança: mesmo em um mundo tão atribulado e envolvido em tantas mazelas, o esporte ainda possui um forte poder confraternizador. ◀